

CADERNO

JORNAL DO  COMMERCIO

Recife, 10 de Maio de 1997 SÁBADO

Uma universidade autenticamente pop

FERNANDO MENEZES

A primeira idéia, no meado dos anos cinquenta, era a Universidade Popular. Um aprendizado duplo, dos artistas e intelectuais com os meninos de rua e o povo, e de todos com eles. No rescaldo de tudo a preservação dos nossos hábitos, costumes, habilidades, cultura enfim. Só depois veio o Movimento de Cultura Popular, denominação que o próprio prefeito Miguel Arraes escolheu, após ouvir uma explanação de Germano Coelho, a respeito de algo semelhante que ele viu em Paris, o Movimento Povo e Cultura. O MCP, portanto, foi a universidade popular, com um peso ideológico que a tornou fascinante e ao mesmo tempo rejeitada e combatido pelas elites. Quase certamente a alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire, que ensinava pela via crítica da realidade do povo menos favorecido, é que assustou a elite.

Para alguns dos seus fundadores e militantes, quase quarenta anos depois ainda não se fez uma avaliação segura do que foi o MCP. E mais, ainda não se pode dizer o quanto o movimento teria favorecido nossa cultura e promovido a massa de analfabetos se os militares não o tivessem implodido. A dívida nasce das sinais de uma luta que já se tornava evidente, entre os que desejam auferir lucros políticos e os puros, os que desejam apenas a promoção da cultura popular. Mas, pelo menos num ponto todos concordam, a cultura popular carece de uma ação que a preserve e divulgue, uma ação que nos defenda da progressiva perda da nossa identidade cultural. E foi assim, o nascimento, crescimento e morte do MCP, na visão de três dos seus mais importantes militantes.



1968. Foi Germano Coelho quem sugeriu o nome do MCP ao mencionar para Arraes o Movimento P

Um sítio conquistado para plantar cultura

FOTOS: BANCO DE IMAGENS

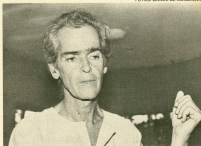
Os setores foram loteados entre os vários militantes

Continuação da página 1

A primeira idéia já vinha dos tempos do governo Barbosa Lima. No Atelier Coletivo, de Abelardo da Hora, Hélio Feijó e Delson Lima e mais Abelardo, sonhavam com as Casas de Arte, um embrião da Universidade Popular, ou seja, levar diretamente ao povo educação e apreender com ele a cultura popular e preservá-la. Quando Felópidas Silveira desapropriou o Sítio da Trindade, ali na estrada do Arraial, a idéia foi de montar um Parque de Cultura, que Gilberto Freyre sugeriu chamar-se Parque de Cultura do Arraial Velho, alusão à resistência ao holandês invasor. Começa a nascer o MCP.

Quando Miguel Arraes assumiu a prefeitura designou Abelardo da Hora diretor de Parques e Jardins e deu-lhe carta branca para trabalhar o sítio e outros espaços. Abelardo montou então as Praças da Cultura, lá mesmo em Casa Amarela, na Várzea, em Beberibe e em Santo Amaro, além da Torre. E eram elas a própria universidade popular, com oficinas de arte, dança, artes plásticas e teatro, além de educação para crianças e adultos, em três turnos.

A chamada esquerda católica, à frente Germano Coelho, aliou-se ao projeto de gestão popular de



BATUTA Geraldo Menucci foi o responsável pela música no MCP

Miguel Arraes. Germano regressara de Paris e tinha a idéia de fazer aqui algo como o Movimento Povo e Cultura, que viu funcionar em Paris. Arraes escutou tudo e sugeriu que aqui se chamasse Movimento de Cultura Popular e entregou a direção a Germano Coelho. Dividido em departamentos específicos o MCP nasceu da vontade de Abelardo da Hora (Artes Plásticas), Geraldo Menucci (Música), Luis Mendonça (Teatro), Flávia Barros (Dança), Nelson Xavier (Cinema) e Maria de Jesus Costa (Arquitetura). Foram estes os pioneiros, fundadores. Maria de Jesus participou decisivamente com Abelardo na montagem do MCP, como assessora de Arraes. E aqui uma alusão toda especial: O setor de Educação, entregue ao

grupo da esquerda católica, formado por Germano e Norma Coelho, Paulo Freire, Paulo Rosas, Anita Paes Barreto, Maria Antonio MacDowell e Silke Weber.

E foi precisamente este núcleo que assistiu a elite conservadora. Paulo Freire elaborou seu método de alfabetização/conscientização de adultos, que se baseava na realidade de vida do analfabeto carente. O sucesso-rápido permitiu votos amplos ao trabalho de Freire e sua equipe. Em breve o método estava na Bahia, e em Natal o prefeito de esquerda Djalma Maranhão usava a cartilha na sua campanha. *De pés no chão também se aprende a ler.* Quando a ação já se espalhava por toda a região, veio o golpe de 64 e o MCP foi destruído literalmente.

